

O Estatuto Final do Kosovo - um Quebra-Cabeças

Verónica Martins

Doutoranda em Ciência Política e Relações Internacionais na Universidade do Minho

Resumo

Este artigo versa sobre uma questão fundamental para o Kosovo e que ainda não foi resolvida, pois aparece como um verdadeiro quebra-cabeças: o estatuto final. Por que razões é tão difícil reunir as duas partes – Pristina e Belgrado – e chegar a um consenso? O artigo tenta responder a esta questão expondo as barreiras que persistem, dando uma certa ênfase ao ódio multi-secular que divide os povos sérvio e albanês e que estará na origem da maioria dos problemas que o Kosovo enfrenta: os surtos de violência, o boicote às eleições, a divisão da cidade de Mitrovica e o crime organizado. Estes problemas tornam a presença internacional indispensável para manter a calma no território, mas a lentidão em resolver a situação contribui para o atraso económico que levou, por sua vez, ao desenvolvimento do crime organizado. A comunidade internacional optou pela estratégia “standart before status” e o Conselho de Segurança deu o seu acordo para o início das negociações em Outubro de 2005 mas as soluções possíveis não apresentam consenso. Permanecer indefinidamente sob um regime de protectorado? A cantonização? A criação de uma federação ou de uma *commonwealth* onde Belgrado exerceria uma soberania nominal? A restituição de algumas municipalidades à Sérvia? Ou então a independência do Kosovo dentro das fronteiras actuais? Uma independência progressiva de acordo com as capacidades do governo parece mais plausível, mas há contudo uma certeza... o tempo urge.

Abstract

This article explores a fundamental question to Kosovo that has not been solved yet since it is a real puzzle: the final status. Why is it so difficult to congregate both parts – Pristina and Belgrade – and come to an agreement? The article tries to answer to this question by looking at the remaining barriers, particularly to the multiseccular hatred that keeps the Serbian people apart from the Albanese one and that is at the origin of most of the problems facing Kosovo: outbreaks of violence, elections boycott, the division of Mitrovica and organized crime. The international presence is thus indispensable to keep the territory under control but the slowness in solving the situation is responsible for the economic backwardness and the increase of organized crime. The international community followed the strategy “standard before status” and the UN Security Council endorsed the beginning of talks to determine the final status of Kosovo in October 2005 but none of the possible solutions seems to be good enough. To remain indefinitely under the protectorate regime? The Cantonization? The creation of a federation or a commonwealth where Belgrade could practice a nominal sovereignty? The restitution of some municipalities to Serbia? Or an independence for Kosovo within its present borders? A progressive independence accordingly to the capacities of the government seems more reasonable however there is a certainty... we are running out of time.

Decorridos cinco anos após os bombardeamentos da NATO e a criação de um regime de protectorado internacional, a situação no Kosovo permanece uma excepção e é fonte de grandes preocupações para a comunidade internacional.

O sucesso das eleições parlamentares de Novembro de 2001 e o estabelecimento de um governo autónomo provisório em Março de 2002 poderiam indicar o início de uma fase de estabilidade no Kosovo. Aliás, de acordo com alguns especialistas, nomeadamente o General Marcel Valentin¹, o ano de 2002 era um ano de transição e de esperança pelo que se ponderava a redução da intervenção da comunidade internacional no território. Da mesma forma, deveria proceder-se a adaptação do papel e das estruturas da KFOR, assim como a uma transferência progressiva e prudente das responsabilidades da KFOR às autoridades civis internacionais e, seguidamente, aos responsáveis kosovares².

Contudo, parece que a comparação dos Balcãs a um “barril de pólvora” continua perfeitamente válida. O surto de violência que assolou várias cidades do Kosovo entre 17 e 20 de Março de 2004, matando 19 pessoas e ferindo cerca de 800, chocou o mundo ocidental cuja atenção se encontrava virada para o Iraque e o Afeganistão.

Apesar de, para uma grande parte dos entendidos na matéria, os Balcãs e mais particularmente o Kosovo, não constituírem actualmente um perigo iminente para a segurança europeia, consideramos que os incidentes de Março de 2004 serão suficientes para reconsiderar essa posição. Em circunstância alguma, poderá a comunidade internacional negligenciar a situação no Kosovo, especialmente enquanto o seu estatuto final não for decidido.

Este ensaio pretende demonstrar que persistem muitas dificuldades inerentes à resolução da questão do estatuto do Kosovo, nomeadamente o ódio que continua a caracterizar as relações serbo-albanesas, o crime organizado que domina a região e a divisão da cidade de Mitrovica. De acrescentar, ainda, a urgência em encontrar uma solução que possa satisfazer, embora não totalmente, as duas comunidades e, por isso, apresentaremos algumas opções possíveis. Na verdade, a estratégia seguida pela ONU, *standard before status*, não satisfaz a população albanesa da província e os cenários até agora apresentados não parecem adequados para resolver o problema, pelo que a comunidade internacional se encontra perante um verdadeiro quebra-cabeças.

1 O General Marcel Valentin comandou a KFOR no período 2001-2002.

2 Valentin, Marcel, “Kosovo 2002: année de transition et d’espoir”, in *Défense Nationale* n° 2, février 2003, Paris, p. 89.

Um Kosovo Sérvio ou Albanês?

A Jugoslávia de Tito era caracterizada pela ordem e pelo entendimento existente entre as várias etnias, nomeadamente através do matrimónio. No entanto, se bem que promovida pela força, as três décadas e meia de harmonia constituíram uma excepção, pois a discussão violenta entre Sérvios e Albaneses para a apropriação do Kosovo remonta a vários séculos e resulta de uma leitura dupla da história do território: uma sérvia e outra albanesa.

Os nacionalistas sérvios consideram o Kosovo “o berço da civilização Sérvia, da sua cultura e religião” já que foi nesse território que foi fundado, em 1219, o Arcebispado de Pec. Desde então, a Igreja Ortodoxa reivindicou repetidas vezes os seus “direitos históricos” sobre o Kosovo. A 28 de Junho de 1389, na Batalha de *Kosovo Polje*, o Império Otomano desmembrou o Reino da Sérvia. A região tornou-se o símbolo da tragédia nacional e da luta contra os Turcos. À querela histórica junta-se a demográfica. Com efeito, a razão pela qual os Albaneses estão, hoje, em maioria, estaria ligada ao seu êxodo perante as investidas turcas, nomeadamente em 1690, que os teria conduzido até à Voivodina. De salientar, ainda, uma lei promulgada por Tito, em Agosto de 1945, que proibia os 100.000 Sérvios expulsos do Kosovo pelos Albaneses, durante a Segunda Guerra Mundial, de regressarem aos seus lares. Do ponto de vista dos Sérvios, a questão da autonomia do Kosovo não se colocava, pois segundo a Constituição de 1974, o Kosovo era uma província autónoma³. Juridicamente, o Kosovo tem todos os direitos de uma república...menos o nome e permanece nominalmente ligado à República da Sérvia.

De acordo com os Kosovares Albaneses, o Kosovo fazia parte da Nação Albanesa ainda antes da chegada dos Eslavos na região nos séculos VI e VII⁴. Considerando-se pouco afectados por essas invasões, os Albaneses teriam conservado “a pureza” do povo albanês e estariam acima dos outros povos balcânicos. Os Kosovares Albaneses consideram o Encontro da Liga Albanesa de Prizren, em 1878, como sendo a primeira manifestação do seu movimento nacional. A presença maioritária na região resultaria dessa herança histórica e da sua taxa de natalidade mais elevada do que a dos Sérvios. O estatuto de república foi reivindicado após a Segunda Guerra Mundial, porém, foi apenas em 1974 que a região obteve um estatuto autónomo. Em 1989, a autonomia

3 «La Yougoslavie de Tito», <http://fr.wikipedia.org/wiki/Kosovo>.

4 Desde a Antiguidade que aí estavam os Ilírios.

da província foi retirada por Milosevic, dando origem a um regime de discriminação, contribuindo assim para um ressurgimento do sentimento nacional albanês.

Actualmente, o sudeste do Kosovo parece ser uma excepção, pois a ponte entre as duas comunidades parece ter resistido à violência da última década. Na região de Gnjilane/ /Gjilan, continuam a existir locais de trabalho e aldeias multi-étnicas, contrariando a imagem estereotipada de uma sociedade de segregação. Aquela região foi relativamente poupada pelos combates de 1999, mas a violência de Março não deixou de provocar efeitos nefastos na região de Anamorava.

Na verdade, os seis anos decorridos após o fim da invasão sérvia no Kosovo, pouco ou nada mudou nas relações entre as duas comunidades e nas suas reivindicações. O ministro federal dos Direitos do Homem e das Minorias, Rasim Ljaljic, baseando-se em factos históricos, afirmou que as comunidades sérvia e albanesa nunca viveram juntas. Com efeito, das 1445 aglomerações do Kosovo, 96 são etnicamente mistas e 1154 são quase 100% mono-étnicas, ou sérvias ou albanesas⁵. Estes números são considerados justificação mais do que suficiente para os partidários da criação de cantões sérvios no Kosovo.

O Fenómeno do Pan-Albanismo

O fenómeno do pan-albanismo é considerado, por muitos observadores, como uma ameaça séria para a estabilidade dos Balcãs. Repetidos avisos têm sido lançados, há já vários anos, quanto ao perigo de um movimento pan-albanês coordenado entre as três grandes áreas onde residem Albaneses - a República da Albânia, o Kosovo e a Macedónia.

O Exército de Libertação do Kosovo (KLA), o Exército Nacional de Libertação (LNA) na Macedónia e outros grupos recorreram frequentemente à violência para defender os direitos das comunidades albanesas. Com efeito, o apoio popular a esses movimentos é concomitante ao abandono dos seus objectivos nacionalistas e à promoção de mais direitos para o povo albanês.

Contudo, grande parte dos Albaneses presentes nos Balcãs apoia o desejo da grande maioria dos Kosovares Albaneses no sentido da independência, pois consideram

5 Marovic, Jovanka, "Kosovo: Cantonisation ou Partage?", in *Courrier des Balkans*, 27 de Março 2004, http://www.balkans.eu.org/print_article?id_article=4262.

que contribuiria para a estabilização da região. De realçar, ainda, a importância da diáspora albanesa do Kosovo instalada nos Estados-Unidos, na Alemanha ou na Suíça que desempenha um papel fundamental, tanto para o crescimento económico, social e político da província, como nos desenvolvimentos de actividades militares no terreno⁶.

Nesse contexto, os líderes políticos albaneses podem e devem desempenhar um papel-chave ao se pronunciarem contra os líderes extremistas e os grupos que recorrem à violência com o intuito de minar os vários Acordos de Paz celebrados nos últimos cinco anos. Aliás, os principais partidos políticos no Kosovo não apoiam a formação de uma “grande Albânia”. A Liga Democrática do Kosovo (LDK) já não advoga a criação da “grande Albânia” e é muito pouco provável que se manifeste a favor de qualquer movimento unificador. O mesmo acontece com o Partido Democrático do Kosovo (PDK) e a Aliança para o Futuro do Kosovo (AAK), apesar de manterem laços muito fortes com o Exército de Libertação de Presevo, Medvedja e Bujanovac (UCPMB) no sul da Sérvia e o Exército de Libertação Nacional na Macedónia. Ambos os partidos reconhecem que um apoio mais activo a favor de uma “grande Albânia” teria custos elevados em termos de censura por parte da comunidade internacional, da qual dependem em grande medida.

Na segunda metade de 2003, os políticos Kosovares começaram a usar o argumento da ameaça da “grande Albânia” para persuadir a comunidade internacional a conceder a independência ao Kosovo. Com efeito, Ibrahim Rugova avisou a comunidade internacional que o atraso no estabelecimento do estatuto final do Kosovo – que não deveria ser outro que a independência – levaria os extremistas, mais cedo ou mais tarde, a tentarem formar um Estado Albanês unificado⁷.

Entretanto, a integração económica e cultural entre a Albânia e o Kosovo continua a progredir, mas não deixa de ser marcada por uma certa desconfiança e um certo receio de ambas as partes. Tirana ofereceu-se recentemente como mediadora entre Pristina e Belgrado, mas a oferta não foi recebida com grande entusiasmo por nenhuma das partes envolvidas. Na verdade, os Kosovares de etnia albanesa confiaram sempre mais nos Estados Unidos do que na Albânia e parece que, tão cedo, não haverá mudanças de opinião.

6 International Crisis Group, “Pan-Albanianism: How Big Threat to Balkan Stability?”, Europe Report n°153, 25th February 2004.

7 Idem, p 16.

Assim, é importante que o processo de resolução da questão do estatuto final do Kosovo assuma um carácter pacífico, legal e democrático, prevendo, se necessário, uma cláusula proibindo uma fusão entre o Kosovo e a Albânia. Além disso, a KFOR e a Missão da ONU no Kosovo (MINUK) devem intensificar os seus esforços contra o crime organizado e os militantes políticos armados, nomeadamente através de um patrulhamento mais eficaz das fronteiras.

Kosovo: Terreno Propício para o Crime Organizado

Os bandos de etnia albanesa têm tirado partido das tensões e dos incidentes no sul da Sérvia e na Macedónia, assim como da instabilidade no Kosovo para levar a cabo as suas actividades. As suas acções não somente frustram os esforços da ONU e da NATO no sentido de reconstruir a sociedade do Kosovo, como também ameaçam a estabilidade da região dos Balcãs do sul. Segundo os responsáveis da MINUK, o crime organizado constitui o principal desafio no território. A tentativa da MINUK em lidar com o crime organizado, apoiando-se em reformas legais, está a provocar um aumento sério das tensões entre os Kosovares e as autoridades internacionais.

As actividades do crime organizado levadas a cabo por Albaneses, no Kosovo, são um pilar da economia da província. No tempo de Tito, o Kosovo era já considerado um território subdesenvolvido, no qual o investimento não surtiu efeito, pelo que as transferências de capitais por expatriados eram e são ainda muito importantes, assim como as ajudas ocidentais para a reconstrução.

Na verdade, a introdução do multipartidarismo, acompanhado de crises e conflitos, acentuou algumas ligações entre os meios criminosos e políticos, e contribuiu para o aparecimento de novas redes. A falta de cultura democrática endurece as lutas políticas e favorece a corrupção.

De realçar, igualmente, a fragilidade das fronteiras que são consideradas imposições estrangeiras e, por isso, não têm legitimidade. Enquanto os nacionalistas procuram unificar os territórios de maioria albanesa num “grande Kosovo”, os criminosos beneficiam da instabilidade das fronteiras para facilitar o tráfico de seres humanos, armas, cigarros e estupefacientes, sendo o tráfico de heroína turca, em direcção à Europa, o negócio ilícito mais importante na região.

A aplicação da lei no Kosovo encontra-se profundamente minada pelas actividades criminosas transnacionais. Mais uma vez, a indecisão quanto ao estatuto do território

levanta um obstáculo ao combate contra o crime organizado. De facto, a Resolução 1244 do Conselho de Segurança da ONU de 10 de Junho de 1999 reconhece o Kosovo como sendo uma província autónoma, submetida à lei jugoslava. Tendo em conta que já não existe uma administração jugoslava, nem um sistema judicial na província, regista-se uma lacuna legal, restringindo seriamente o sucesso das acções da MINUK. Além disso, o crime organizado albanês segue a estrutura de clãs da sociedade kosovar e albanesa do norte. O conceito de *besa*, que poderá ser traduzido como “honra”, constitui uma razão para não quebrar o silêncio. Com efeito, os que transgridem o código podem esperar a sua morte e a da sua família. Além disso, recorre-se bastante a intérpretes e assistentes albaneses, alguns dos quais passam informações acerca de actividades policiais a figuras do crime e a políticos. Nalguns casos, quando os indivíduos se recusam a passar informações, são persuadidos através de ameaças contra a sua família.

As reformas penais são, de facto, de implementação lenta, mas verificam-se alguns progressos, nomeadamente através da criação da *Criminal Intelligence Unit (CIU)*, que funciona sob a égide da MINUK, e do Kosovo Organised Crime Bureau (KOCB), dirigido e financiado pelos Estados- Unidos⁸. Contudo, não podemos esquecer que, durante os últimos três ou quatro anos, os vastos poderes da MINUK conferidos pela resolução 1244 estão a ser gradualmente transferidos para as autoridades locais. A dificuldade reside na falta de capacidades locais pelo que seria prudente que se constituísse um grupo de juízes internacionais na corte suprema para garantir que os casos ligados à falta de respeito pelos direitos das minorias e outras obrigações impostas a um Kosovo independente sejam julgados.

A Rota dos Balcãs

Uma das principais preocupações no que respeita ao tráfico de droga é a sua íntima ligação com o tráfico de armas, pois os “Senhores da Guerra” obtêm os fundos necessários para a compra de armamento através da venda de estupefacientes.

A heroína que se encontra na Europa é, na sua quase totalidade, refinada por grupos turcos que encaminham, pelo sul dos Balcãs, cerca de 80%⁹ para a Europa. Na maioria

8 Barnett, Neil, “The Criminal Threat to Stability in the Balkans”, in *Janes Intelligence Review*, April 2002, p. 31.

9 *Idem*, p. 32.

dos países, o tráfico é orientado por famílias turcas, mas os Albaneses da Macedónia, Albânia e Kosovo estão a assumir um papel cada vez mais preponderante, nomeadamente na redistribuição para a Europa Germânica.

Assim, existem duas rotas principais: a rota italiana, do Tetovo para o Kosovo e a rota da Europa central, do sul da Sérvia para o Kosovo. A primeira reveste-se de uma certa importância, pois as montanhas Sar a norte e oeste de Tetovo encontram-se nas mãos dos rebeldes, assegurando que esse sector da fronteira Macedónia-Kosovo permaneça poroso e instável. A rota continua através da fronteira do Kosovo controlada pela KFOR com algumas dificuldades, pois não tem efectivos suficientes para impedir os movimentos transfronteiriços num terreno montanhoso com caminhos dificilmente transitáveis e bem conhecidos dos contrabandistas. As cidades de Pec e Prizren no Kosovo ocidental são bases para os bandos de traficantes que, seguidamente, movimentam os carregamentos para oeste do outro lado da fronteira albanesa.

Os Incidentes de Março e as Acusações contra o Primeiro Ministro Haradinaj

Durante os quatro dias de violência (17 a 20 de Março), morreram 19 pessoas, 800 foram feridas, 500 casas e 42 igrejas e mosteiros ortodoxos foram destruídos¹⁰. Um balanço bastante pesado para um território que se considera em fase de estabilização. Tal como já foi defendido, o Kosovo é, por natureza, “um barril de pólvora” que pode explodir facilmente.

Pela primeira vez nos Balcãs contemporâneos, a violência foi também claramente dirigida contra os representantes da comunidade internacional, não só da KFOR como também da MINUK. As implicações desses surtos de violência para a região são imensas e os líderes políticos da província têm sérias dúvidas quanto às suas capacidades em impedir novos incidentes¹¹.

Temos realçado o papel dos extremistas na instabilidade da província e os acontecimentos de Março passado são disso um bom exemplo. Parece viável a interpretação segundo a qual os distúrbios ocorridos em Pristina e Mitrovica terem tido uma origem espontânea, no seguimento do afogamento de três crianças albanesas.

10 Barnett, Neil, “The Criminal Threat to Stability in the Balkans”, in *Janes Intelligence Review*, May 2004, p. 24.

11 Glenny, Misha, “The Kosovo Question and Regional Stability”, in *Chaillot Paper n°70*, edited by July Batt, Institute for Security Studies, Paris, Outubro 2004, p. 88.

Na verdade, podemos apontar algumas causas como a frustração quanto à falta de progressos a nível económico, a frustração quanto à situação de segurança e em parte a incerteza resultante da falta de um futuro claro. A MINUK acredita também que os distúrbios subsequentes, que assolaram todo o Kosovo, podem ter resultado de uma ampla orquestração levada a cabo por grupos de adolescentes (estudantes); organizações de veteranos da KLA e de um número reduzido de radicais filiados no Exército Nacional Albanês. De realçar, ainda, que bandos locais islâmicos foram responsáveis por actos de violência nalgumas áreas, nomeadamente em Drenica. Esses bandos estão organizados de uma forma bastante informal, contudo são radicais e são capazes de tirar partido de situações voláteis.

A maior parte dos partidos políticos kosovares contém elementos extremistas e o grau de controlo exercido pela liderança do partido difere consoante os seus membros. Este facto explica-se pela natureza amorfa e pela falta de maturidade dos partidos, dirigidos tanto por clãs filiados como por ideologias e, por isso, dificilmente controláveis. Note-se, a título de exemplo, as declarações de Fatmir Humolli, líder do Movimento Nacional para a Libertação do Kosovo (LKCK), que exortou a uma maior violência que deveria ser dirigida contra a comunidade internacional, culpada pelos constantes conflitos entre Sérvios e Albaneses, de forma a perpetuar a sua presença no Kosovo.

Os acontecimentos de Março contribuíram, sem dúvida, para uma maior polarização da opinião entre os Kosovares de etnia albanesa e a comunidade internacional; enquanto que na Sérvia, na Bósnia e na Macedónia, esses incidentes poderão, a curto prazo, estar na origem de ressurgimentos nacionalistas, a médio e longo prazo, poderão impedir a estabilização da região como um todo. Assim, parece claro que o surto de violência enfraqueceu a causa a favor da total independência do Kosovo, dentro das suas actuais fronteiras, e fortaleceu a influência da Sérvia no assunto.

Cerca de um ano após os motins, outro acontecimento destabilizador fez irrupção no caminho para a estabilidade da província, pois o então primeiro ministro em exercício, Ramush Haradinaj foi acusado pelo Tribunal Penal Internacional (TPI) de mais de uma centena de crimes de guerra contra a população civil sérvia. Haradinaj era um dos ex-dirigentes dos grupos armados organizados pelo Exército de Libertação do Kosovo durante os conflitos de 1998-1999. A sua nomeação para o cargo de primeiro-ministro tinha provocado o descontentamento das autoridades sérvias que encaravam essa nomeação como uma provocação e recusavam qualquer contacto com ele.

A decisão do tribunal foi acolhida favoravelmente pelas autoridades sérvias que acusavam frequentemente o TPI de adoptar uma posição anti-sérvia.

Contrariamente ao que se poderia esperar, a população albanesa do Kosovo reagiu calmamente às acusações contra Haradinaj, apesar da municipalidade de Decan (cidade de origem de Haradinaj) ser um barril de pólvora, isolada do resto do Kosovo e contendo vários grupos armados. O problema reside antes na desconfiança mútua que reina entre os dois partidos maioritários, o LDK do presidente Rugova e o PDK de Thaci. Com efeito, o PDK pode preferir sabotar o governo em vez de agir de forma responsável e contribuir para uma posição conjunta sobre o estatuto final.

Mitrovica: a Cidade Dividida

A situação que caracteriza Mitrovica apresenta-se como mais um obstáculo para iniciar as negociações sobre o estatuto já que a comunidade internacional proibiu qualquer tipo de partição no território.

As forças de segurança sérvias expulsaram a maior parte da população albanesa de Mitrovica durante os bombardeamentos da NATO em 1999 e destruíram centenas de casas. Quando os Albaneses regressaram ao Kosovo em Junho 1999, alguns conseguiram voltar para suas casas no norte da cidade. No entanto, os Sérvios uniram-se numa força de defesa provisória para impedir que os Albaneses penetrassem no norte da cidade e a KFOR francesa bloqueou as pontes, impedindo que os residentes albaneses regressassem. As poucas casas sérvias no sul de Mitrovica tornaram-se alvos de violência e de vingança.

Actualmente, a zona norte de Mitrovica é a única ainda sob administração directa da MINUK e, nos últimos seis anos, a comunidade internacional tem prosseguido políticas ambíguas nessa cidade com o último objectivo de formar um Kosovo multi-étnico. Contudo, em Fevereiro 2000, a KFOR pouco fez para evitar que os sérvios acelerassem o movimento de populações. Apesar dos Albaneses formarem metade da população pré-guerra do norte de Mitrovica, apenas Sérvios foram convidados a candidatarem-se a funções administrativas e o conselho consultivo nomeado conta com seis Sérvios e um só Albanês.

Belgrado tem ainda exercido a sua influência através de estruturas governamentais paralelas, incluindo uma presença policial, no norte de Mitrovica e nalgumas aldeias limítrofes, área que contém cerca de um terço dos Sérvios que ainda vivem no Kosovo.

Esta política de partição infringe claramente a resolução 1244 do Conselho de Segurança. A população sérvia mal suporta a presença e as instituições da MINUK que encaram como um agente do projecto albanês para um Kosovo independente. A Sérvia conservou então o seu domínio no norte de Mitrovica como um travão contra a MINUK e o controlo albanês do Kosovo, assim como um trunfo para as negociações sobre o estatuto final¹².



Mapa adaptado pelo ICG

12 CIG. *Bridging Kosovo's Mitrovica divide*. Europe Report nº165. 13 de Setembro 2005. Pristina/Belgrade/Brussels. p. 2.

A fragilidade da autoridade da MINUK no Norte de Mitrovica pode ser ilustrada de várias formas. Os responsáveis pelos ataques aos seus agentes da polícia ou pelo assassinato de Albaneses durante os últimos cinco anos ainda não foram detidos. Muitos carros não têm matrícula em vez de usarem números de matrícula do Kosovo. A MINUK mostrou-se igualmente impotente quando, em Maio de 2004, o Ministério da Educação da Sérvia nomeou um apoiante de Milosevic, Radivoje Papovic, para o cargo de novo reitor da Universidade do norte de Mitrovica e quando este cortou os laços nascentes com a MINUK e o Ministério da Educação do Kosovo.

Apaziguar Mitrovica numa fase inicial do processo do estatuto final pressupõe ter um conhecimento antecipado do destino final do Kosovo. Contudo já é tempo para os estados-membros do Grupo Contacto de cessar de falar do estatuto final como se fosse um processo aberto com um leque de vários resultados possíveis. De facto, parece que o consenso está a formar-se no seio da comunidade internacional e seria necessário transmiti-lo e consolidá-lo na cidade de Mitrovica para gerar estabilidade. Deixar Mitrovica à deriva pode pôr em causa a realização desse consenso.

Estatuto Final do Kosovo - Requisitos

Convém, desde já, mencionar que, em Dezembro de 2003, a Missão da ONU no Kosovo estabeleceu um conjunto de oito requisitos que deverão ser preenchidos antes de iniciar as conversações sobre o estatuto final do protectorado - *Standard before Status*. A 31 de Março de 2004, a MINUK emitiu um documento de 120 páginas, estabelecendo um plano ambicioso no sentido de preencher os requisitos. Os critérios dizem respeito ao estabelecimento de instituições (*institution-building*), ao estado de direito, à liberdade de movimento, ao regresso dos refugiados, ao crescimento económico, ao direito de propriedade, ao diálogo entre Pristina e Belgrado e à garantia de profissionalismo do Corpo de Polícia do Kosovo.

Segundo a MINUK, apesar das exigências serem consideráveis, não serão em vão, pois traçarão um caminho paralelo em direcção à integração na União Europeia. No entanto, após os acontecimentos de 17 e 18 de Março, o documento da ONU exige muito mais do que apenas boa vontade. Na página 56, consta a obrigação, por parte das instituições centrais, de remover “as autoridades municipais e os líderes de partidos políticos que tiverem contribuído para a violência contra membros da comu-



© MAGELLAN Geographix™ Santa Barbara, CA (800) 929-4627

Fonte: www.fime.com

nidade através de declarações públicas ou ações¹³. A MINUK não aceitou o pedido do antigo Primeiro-Ministro Rexhepi no sentido de eliminar essa exigência, apesar de o acto de punir as pessoas pelas suas declarações verbais ser comparado às ações da polícia jugoslava nos anos oitenta e noventa. Além disso, vários observadores locais consideram que as expulsões públicas de oficiais acentuarão as tensões na sociedade albanesa, expondo mais claramente as fricções reveladas no motim de Março.

Para além das divergências entre Albaneses, a resistência manifestada pelos Sérvios em cooperar no preenchimento dos oito “requisitos” também dificulta a tarefa. Segundo Dragisa Krstovic, membro da Coligação Regresso, a MINUK terá de garantir que o cumprimento daquelas “normas” não resultará na independência do Kosovo, mas o pedido não foi (ainda) satisfeito.

Independentemente da resolução célere, ou não, do problema do estatuto final, será necessário abordar determinadas questões que poderão facilitar o processo. Desde

13 Artan, Mustafa and Jeta, Xharra, “Kosovo: UN lays Down Conditions”, Institute for War and Peace, BCR nº 491, 8th April 2004.

já, o diálogo entre Pristina e Belgrado deverá procurar fomentar a confiança necessária para levar as conversações a bom porto. Seguidamente, o diálogo deverá solucionar problemas imediatos ligados à falta de estatuto final como o procedimento de extradição, a assistência legal mútua, os vistos, as privatizações, assim como criar um mecanismo de gestão de conflitos. Por seu lado, a Missão da ONU deve procurar fomentar a privatização das empresas anteriormente nacionais e certificar-se que o Governo do Kosovo será capaz de gerar rendimentos, administrar impostos e controlar as suas fronteiras.

O contacto com os outros países da região é fundamental e passa pelo desenvolvimento de boas redes de comunicação. Neste sentido, é necessário frisar o papel da Agência Europeia para a Reconstrução que está presente no Kosovo desde a sua criação no ano 2000 e que gera uma grande parte das dotações da UE para o Kosovo (ver tabela). A sua acção é muito vasta, abrangendo o sector da energia, saúde, administração pública, desenvolvimento rural, ambiente, educação, sociedade civil, media; mas destaca-se o trabalho realizado na reabilitação das infra-estruturas, nomeadamente a construção e reconstrução de estradas por todo o território, a manutenção da via férrea, a construção de parques de estacionamento, a iluminação das estradas, a reestruturação de postos fronteiriços. Estes esforços devem contribuir para uma maior liberdade de circulação entre o Kosovo e os países vizinhos e um aumento do fluxo de informação, especialmente através dos media.

A abertura das fronteiras passa igualmente pelo desenvolvimento de trocas comerciais. O comércio entre a província e os seus vizinhos é já considerável, contudo grande parte permanece ligada a actividades criminosas. O maior desafio consiste em orientar o comércio e outras formas de contacto para a via legal e tributável, assim como fomentar a cooperação entre as autoridades da região de forma a combater os fluxos ilegais de bens, capitais e pessoas.

A abertura das fronteiras, necessária ao desenvolvimento de um clima de confiança, não deverá pôr em causa a segurança do Kosovo. Contudo, há determinadas realidades que devem ser tomadas em consideração quando se aborda a dimensão securitária. Nesse sentido, convém não esquecer que o Kosovo é demasiado pequeno para garantir a sua própria segurança, especialmente perante a precariedade da estabilidade interna dos países vizinhos. Todavia, os Kosovares de etnia albanesa não estão dispostos a aceitar que Belgrado desempenhe um papel activo nessa dimensão. Mais uma vez, torna-se claro que a segurança do Kosovo só pode ser garantida a nível regional e depende da aceitação do seu estatuto por parte de Belgrado.

DADOS CHAVE SOBRE O KOSOVO (12 de Dezembro 2005)¹⁴

Agência Europeia para a Reconstrução

Ano	Autorizações orçamentais Em 1000 €	Montantes contratados	M. Contrat./ Autorizações orçamentais	Pagamentos Em 1000 €	Pagamentos/ autorizações orçamentais
TOTAL	1,051, 056	968,160	92%	900,264	86%
2005	51,500	16,761	33%	2,493	4%
2004	73,000	47,648	65%	22,765	31%
2003	62,280	43,040	69%	32,582	52%
2002*	165,811	162,996	98%	154,171	93%
2001	144,667	144,413	100%	138,213	96%
2000**	431,784	431,286	100%	428,447	99%
1999	115,664	115,217	100%	114,794	99%
1998	6,799	6,799	100%	6,799	100%
* Este valor inclui €134,4 milhões de fundos comprometidos pela U.E e outros €27,131 milhões disponibilizados por outras fontes (UNMIK/KFOR e fundos de outros parceiros)					
** Este valor inclui €427,674 milhões de fundos comprometidos pela U.E e mais €5 milhões provenientes de outros parceiros					

Assim, para chegar a um resultado satisfatório nas negociações sobre o futuro estatuto do Kosovo e para garantir que a estabilidade regional não seja afectada, em particular em Estados como a Sérvia e a Macedónia, será fundamental decidir qual será o mandato, a duração e o patrocínio da presença militar estrangeira no território. Considerando que a presença internacional não será eterna, é necessário prever que tipo de forças poderão ser autorizadas no novo Kosovo, assim como as regras que definirão as relações entre essas forças e a comunidade kosovar de etnia sérvia. Finalmente, as negociações deverão estabelecer o tipo de relação que qualquer força militar de segurança kosovar deverá manter com os vários actores internacionais enquanto estiverem presentes no território.

14 Para mais informações, consultar <http://www.ear.eu.int/kosovo/kosovo.htm>.

As opções

Vários estudos foram já desenvolvidos no sentido de dar uma resposta satisfatória ao “quebra-cabeças” que constitui a decisão de um estatuto final para o Kosovo.

Uma das hipóteses avançadas seria a de permanecer indefinidamente sob o regime de protectorado. A MINUK e a União Europeia continuariam a supervisionar a crescente autonomização da província enquanto não se determinasse o estatuto.

Outra solução proposta passaria pela descentralização/cantonização da província. Os enclaves sérvios seriam auto-governados sob a soberania jugoslava *de facto*, independentemente do estatuto do resto do território.

Surge igualmente a hipótese de uma federação “solta” na qual Belgrado detém a soberania nominal, mas o Kosovo funcionaria como um estado independente dentro das suas fronteiras actuais, sem lugar autónomo na ONU (como o Montenegro).

Para outros, o estabelecimento de uma “commonwealth” seria uma solução. Com efeito, à semelhança da opção anterior, Belgrado detém a soberania nominal, o Kosovo funcionaria como um Estado independente, porém seria um membro autónomo da ONU (como o Canadá ou a Austrália).

As três próximas opções são consideradas bastante prováveis, mas nenhuma reúne o consenso. Com efeito, três municipalidades – Zvečan, Zubin Potok e Leposavic – assim como a parte Norte de Mitrovica seriam atribuídas à Sérvia. As outras municipalidades constituiriam o Estado independente do Kosovo. As áreas no Sul da Sérvia dominadas por Albaneses reverteriam a favor do Kosovo. Os Sérvios que desejariam partir, assim como outras minorias teriam a devida assistência. Os Sérvios que decidiram ficar beneficiariam da dupla nacionalidade. A MINUK teria apenas o estatuto de consultora.

Existe ainda a opção da independência dentro das fronteiras actuais, após um período pré-estabelecido de crescente auto-governação, sob supervisão internacional. Os Kosovares sérvios teriam os seus direitos internacionalmente garantidos, assim como uma ampla autonomia local. Antes da independência, o Kosovo teria de estabelecer relações transfronteiriças de cooperação política, económica e de segurança com os seus vizinhos. A supervisão internacional continuaria por um período de tempo limitado.

Finalmente, a opção que parece mais viável, seria a da independência condicionada. Com efeito, o Kosovo caminharia para a independência, sendo obrigado a demonstrar uma auto-governação democrática e respeito pelos direitos das minorias. A garantia

de que o Kosovo não voltaria a ser colocado sob o poder de Belgrado seria contrabalançada pelo compromisso de que não procurará expandir as suas fronteiras ou destabilizar os países vizinhos. A comunidade internacional terá de garantir as condições de segurança para o regresso das minorias e dos refugiados. A independência seria o ponto culminante do percurso, incluindo o controlo da política externa, do orçamento, da segurança pública e do sistema judicial por parte do governo do Kosovo. Contudo, o Representante Especial da ONU teria, durante o período de transição, o direito de veto sobre os assuntos respeitantes à protecção dos direitos das minorias e às fronteiras externas. Uma força internacional continuaria a ser necessária para a protecção da segurança externa¹⁵. A transferência progressiva de poderes da MINUK para as instituições do Governo provisório tem-se verificado (primeiramente em 2002 e depois em 2004) e valida esta última opção.

A variedade de opções possíveis não é sinónima de rapidez na resolução do problema. A maioria Kosovar albanesa quer a independência, enquanto Belgrado e a minoria sérvia pretendem que o Kosovo continue a ser parte da Sérvia. Podemos, contudo, excluir duas das opções que parecem pouco realistas: a independência imediata e um novo domínio da Sérvia sobre o Kosovo. Poderemos, igualmente, afastar outra hipótese que poderá pôr seriamente em risco a segurança de toda a região, que consistiria num novo arranjo das fronteiras na tentativa de acomodar as diferentes etnias.

De qualquer forma, de acordo com Kai Eide, enviado especial do Secretário Geral da ONU, “nunca haverá um bom momento” para tratar a questão e, mesmo se as posições permanecem diametralmente opostas, já é tempo de encetar as negociações. No dia 1 de Novembro de 2005, Kofi Annan informou o Conselho de Segurança da sua decisão em nomear o antigo presidente da Finlândia, Martti Ahtisaari, para o cargo de enviado especial para orientar as negociações sobre o estatuto final. Uma primeira visita foi realizada no Kosovo e na Sérvia ainda em Novembro pelo enviado especial, mas nenhum passo foi ainda dado.

Com as negociações iminentes, quais são as posições dos actores internacionais? O conflito parece bem delimitado já que os Balcãs estão situados num canto da Europa, mas são muitos os interesses em jogo e grandes as repercussões que poderia ter o fracasso das negociações.

15 United States Institute of Peace, “Kosovo Final Status - Options and Cross-Border Requirements”, Special Report n° 91, p. 10.

Por um lado, a Jugoslávia (Sérvia-Montenegro) pretende apresentar a sua candidatura à União Europeia que precisa de saber se a Jugoslávia tenciona entrar com ou sem o Kosovo. Não podemos deixar de fazer referência à eleição de Boris Tadic, em Junho de 2004, com o fim do mandato do socialista Milan Milutinovic, membro do regime de Milosevic. Com efeito, a derrota de Tomislav Nikolic, candidato do Partido Radical Sérvio, reduz os riscos de instabilidade no Kosovo. Apesar da violência dirigida contra os Sérvios, em Março, o Presidente Tadic incitou a minoria sérvia a votar nas eleições legislativas do passado dia 23 de Outubro. Contudo, menos de 1% dos sérvios residentes no Kosovo e refugiados na Sérvia e Montenegro manifestaram a sua vontade. Qual a explicação plausível para esse boicote? As mensagens contraditórias provenientes das elites sérvias: se por um lado, Boris Tadic tentou mobilizar os sérvios para irem votar, por outro, o primeiro-ministro sérvio, assim como a Igreja ortodoxa da Sérvia apelaram à abstenção¹⁶.

A UE demonstra uma certa relutância em expressar uma política clara quanto à independência do Kosovo. Esta posição dúbia deve-se a vários factores. Em primeiro lugar, a fragmentação da Jugoslávia representa um falhanço político e a União pretende impedir (a todo o custo) uma maior desintegração mantendo o Montenegro e o Kosovo ligados à Sérvia. Em segundo lugar, a UE receia que um Kosovo independente possa incitar movimentos separatistas na Bósnia e na Macedónia. Contudo, não há consenso entre os Estados-membros, limitando consideravelmente a eficácia da intervenção da União Europeia nessa zona dos Balcãs.

Por sua vez, os Estados Unidos têm emitido sinais contraditórios e inconsistentes aos governos da região. A visita aos Balcãs do sub-secretário de Estado Marc Grossman, em Novembro 2003, criou um certo momento político ao fixar o início das conversações sobre o estatuto final do Kosovo para meados de 2005. Contudo, subsistem dúvidas quanto à continuidade dessa preocupação demonstrada por Washington. Na verdade, os Estados- Unidos também receiam que uma resposta ao estatuto final do Kosovo possa provocar um efeito dominó na região, pelo que não têm discutido seriamente o assunto.

A posição de alguns países islâmicos como a Arábia Saudita, o Irão, o Sudão ou os Emirados Árabes poderá, ainda, ser crucial no desenvolvimento da questão. A in-

16 Destaca-se também o baixo nível de participação (cerca de 53%), bem inferior às eleições de Novembro de 2001. O LDK de Ibrahim Rugova obteve cerca de 47% dos votos, mas não foi suficiente para alcançar uma maioria pelo que teve de formar uma coligação com o partido de Ramush Haradinaj, a Aliança para o futuro do Kosovo.

tervenção da NATO foi vista como uma oportunidade pelos países árabes/muçulmanos de transformar o Kosovo num Estado muçulmano¹⁷, essencialmente através da ajuda humanitária. Para muitos, essa ajuda não tem propósitos puramente solidários. Os esforços desenvolvidos no sentido de fortalecer a cultura muçulmana no território têm como objectivo a criação de um segundo Estado muçulmano independente na região.

De realçar, ainda, o papel do Conselho de Segurança da ONU numa qualquer mudança legal de estatuto para a província. Neste contexto, a Rússia e a China desempenharão um papel muito importante, pois ambos têm razões para não desejar a independência do Kosovo, que poderia abrir um antecedente aplicável à Chechénia e ao Tibete. A concordância da Sérvia poderá convencer a Rússia e a China a passarem uma nova resolução. Será, portanto, necessário que um acordo seja alcançado entre Belgrado e Pristina. No entanto, esse acordo terá igualmente de levar em consideração os interesses de outros actores regionais, nomeadamente a Albânia, o Montenegro e a Macedónia, assim como a Bósnia-Herzegovina, pois só assim se poderá alcançar um resultado estável.

Conclusões

Podemos concluir que, apesar da tranquilidade que caracterizou estas últimas eleições, os resultados foram um fracasso para o carácter multi-étnico do Kosovo. Os representantes sérvios (dez lugares constitucionalmente atribuídos) não têm credibilidade e o envolvimento da comunidade sérvia no Kosovo é primordial para o bom desenrolar das conversações sobre o estatuto final. Na verdade, a estratégia “normas antes do estatuto” produziu alguns frutos, nomeadamente através do estabelecimento de órgãos executivos, legislativos e em menor medida, órgãos judiciais, no entanto, a continuação desse esforço está seriamente comprometido pelo comportamento dos responsáveis políticos que continuam a prestar contas ao seu partido em vez de o fazer junto da população que representam!

A mensagem parece bastante clara: as duas facções mantêm uma posição firme e diametralmente oposta quanto às suas pretensões – a independência incondicional para os albaneses e a permanência do Kosovo sob o poder de Belgrado para os Sérvios. Mas há uma certeza... quer Pristina, quer Belgrado, quer mesmo a região dos Balcãs têm uma mesma

17 SAVICH, Carl K, «The Systematic Destruction of Orthodox Christian Churches and Cemeteries in Kosovo-Metohija and Macedonia”, in Maknews.com, December 2002, <http://www.maknews.com/html/articles/savich/savich9.html>.

expectativa: o início das negociações. O Secretário geral e o Conselho de Segurança das Nações Unidas já deram a sua autorização para que o processo começasse nos finais de 2005...mas o caminho vai ser longo e atormentado! A comunidade internacional deverá mostrar a sua determinação em acompanhar as negociações e apoiar a solução final desde que ela seja viável e estável.

Bibliografia

Publicações e Artigos

- BARNETT, Neil, «The Criminal Threat to Stability in the Balkans », in Jane's Intelligence Review, Abril 2002, pp. 30-32.
- BARNETT, Neil, «Balkans facing Uncertain Future», in Jane's Intelligence Review, Maio 2003, pp. 46-49.
- BARNETT, Neil, «Orchestrated Attacks indicate Frustration over Kosovo Future», in Jane's Intelligence Review, Maio 2004, pp. 24-27.
- BARNETT, Neil, «EU Members step up Security on their new Balkan Border», in Jane's Intelligence Review, Junho 2004, pp. 34-36.
- BARNETT, Neil, «Tadic Victory raises Hopes for Balkan Stability», in Jane's Intelligence Review, Agosto 2004, pp. 44-46.
- CHASSAGNE, Philippe, «Opiacés et Routes des Balkans: Facteurs Géographiques, Historiques et Politiques du Phénomène», in Hérodote, n°112, La Découverte, 1º Trimestre 2004, pp. 139-155.
- Glenny, Misha, «The Kosovo Question and Regional Stability», in Chaillot Paper n° 70, edited by July Batt, Institute for Security Studies, Paris, Outubro 2004, pp. 88-97.
- International Crisis Group, «Pan-albanianism: How Big a Threat to Balkan Stability?», Europe Report n°153, 25 de Fevereiro 2004, <http://www.crisisweb.org/home/index.cfm?id=2523&l=1>.
- International Crisis Group, «Bridging Kosovo's Mitrovica Divide», Europe Report n°165, 13 de Setembro 2005, Pristina/Belgrado/Bruxelas, <http://www.crisisweb.org/home/index.cfm?id=3650&l=1>.

- Public International Law & Policy Group and The Century Foundation, «Reversing the Decline in the Balkans: Recommendations for Western Policy - a Roundtable Summary», Nova Iorque, Março 2004, www.tcf.org.
- RAGARU, Nadège, «L'Heure de l'Europe dans les Balkans? Le mirage des Promesses d'Européanisation», in La Revue Internationale et Stratégique, nº46, Verão 2002, pp. 31-42.
- RUPNIK, Jacques, «The Postwar Balkans and the Kosovo Question», in: D., Triantaphyllou (eds.), «Quel Statut pour le Kosovo», Cahier Chaillot nº 50, Institut d'Etudes de Sécurité - Union de l'Europe Occidentale, Paris, Outubro 2001.
- TAPIA, René, «As Rotas do Narcotráfico - Ásia Central, Cáucaso e Balcãs», http://www.dpp.pt/pdf/Infint99_II/VIII2.pdf.
- United States Institute of Peace, «Kosovo Final Status - Options and Cross-Border Requirements», Special Report 91, Washington DC, Julho 2002, <http://www.usip.org>.
- VALENTIN, Marcel, «Kosovo 2002: Année de Transition et d'Espoir», in Défense Nationale, nº2, Paris, Fevereiro 2003, pp. 89-97.

Artigos de Imprensa

- ABADIE, Laurent, «Le Statut du Kosovo est l'enjeu des élections du 23 octobre», in Le Monde, 23 de Outubro 2004, http://www.lemonde.fr/web/imprimer_article/0,1-0@2-3214,36-383968,0.html.
- ABADIE, Laurent, «Moins de 1% des Serbes du Kosovo sont allés votés», in Le Monde, 25 de Outubro 2004, http://www.lemonde.fr/web/imprimer_article/0,1-0@2-3214,36-384330,0.html.
- AFP, «Kosovo: Le parti de M.Rugova remporte des élections boycottées par les Serbes», in Le Monde, 25 de Outubro 2004, http://www.lemonde.fr/web/imprimer_article/0,1-0@2-3214,36-384272,0.html.
- BERISHA, Lumnije, «Kosovo: Quand la Vie Commune reste Possible», in Le Courrier des Balkans, 8 de Outubro 2004, http://www.balkans.eu.org/print_article?id_article=4659.
- DERENS, Jean-Arnault, «Le Précédent contesté de l'Intervention au Kosovo», in Le Monde Diplomatique, Fevereiro 2003, <http://www.monde-diplomatique.fr/2003/02/DERENS/9940>.

- Envoyé Spécial, «Au Kosovo, les Occidentaux de la Minuk, décrédibilisé, sont pris à partie par les deux Camps», in *Le Monde*, 25 de Março 2004, http://www.lemonde.fr/web/imprimer_article/0,1@2-3214,36-358324,0.html.
- *Le Monde Diplomatique*, «Les Deux Lectures de l'Histoire du Kosovo», Dossier Kosovo: Histoire d'une Crise, <http://www.monde-diplomatique.fr/cahier/kosovo/histoire>.
- Marovic, Jovanka, «Kosovo: Cantonisation ou Partage?», in *Le Courrier des Balkans*, 27 de Março 2004, http://www.balkans.eu.org/print_article?id_article=4262.
- MUSTAFA, Artan e JETA, XHAMA, Jeta, «Kosovo: UN Lays Down Conditions», IWPR, BCR n°491, Pristina, 8 de Abril 2004, http://www.ipwr.net/index.pl?archive/bcr3/bcr3_200404_491_1_eng.txt.
- SAVICH, Carl K, «The Systematic Destruction of Orthodox Christian Churches and Cemeteries in Kosovo-Metohija and Macedonia», in *Maknews.com*, Dezembro 2002, <http://www.maknews.com/html/articles/savich/savich9.html>.
- TASIC, J. «Kosovo: le Président Boris Tadic appelle les Serbes à participer aux élections», in *Le Courrier des Balkans*, 6 de Outubro 2004, http://www.balkans.eu.org/print_article?id_article=4646.
- XHAMA, Jeta e ANDERSON, Alex, «Kosovo: l'Étonnante Rapidité de l'Embrasement», in *Courrier des Balkans*, 19 de Março 2004, http://www.balkans.eu.org/print_article?id_article=4209.
- ZANONI, Luka, «Kosovo: Questions sans réponses sur les émeutes du Mois de mars», in *Courrier des Balkans*, 29 de Abril 2004, http://www.balkans.eu.org/print_article?id_article=4394.

Documentos Oficiais

- BUSEK, Erhard, «SC Busek welcomes Serbian President's statement encouraging Serb participation in Kosovo elections», Comunicado de Imprensa PR2004/035, Pacto de Estabilidade para a Europa do Sudeste, Bruxelas, 6 de Outubro 2004.
- Relatório da Conferência do CSIS e European Stability Initiative, «From Security to Development in The Western Balkans», Washington DC, 29 de Março 2004.

- Conselho de Segurança, «Le Conseil de sécurité estime qu'il est temps d'entamer le processus de définition du statut futur du Kosovo», CS/8533, sessões 5289 e 5290, 24 de Outubro 2005.

Sites Officiais

- Agência Europeia para a Reconstrução - <http://www.ear.eu.int>.
- Comissão Europeia, DG Relações Externas
- http://europa.eu.int/comm/external_relations/see/index.htm.
- Pacto de Estabilidade para a Europa do Sudeste - <http://www.stabilitypact.org/>.
- Nações Unidas, www.un.org.
- NATO, www.nato.int.